

Operações militares em desastres e o jornalista incorporado às tropas sob a égide do jornalismo humanitário¹

Kamila Ágatha Lovizon²
Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Este trabalho visa investigar o papel do jornalista integrado às tropas militares brasileiras cobrindo as operações em crises humanitárias provocadas por eventos climáticos extremos, analisando como as coberturas jornalísticas podem atuar na educação climática e na mobilização social. O referencial teórico compreende os estudos em jornalismo humanitário e comunicação de risco. A metodologia combina revisão bibliográfica, análise crítica do discurso e entrevistas com militares de comunicação e comandantes que atuaram nessas operações. Como resultado, pretende-se identificar limites, desafios e potencialidades das práticas jornalísticas e propor iniciativas para uma cobertura mais transparente e inclusiva junto às Forças Armadas Brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo humanitário; Desastres socioambientais; Operações militares humanitárias; Jornalismo integrado; *Embedded journalism*.

INTRODUÇÃO

A intensificação e a frequência dos eventos climáticos extremos têm gerado impactos significativos em diversas regiões do mundo, acentuando desigualdades sociais e desencadeando crises humanitárias. Nesse cenário, o jornalismo ganha relevância não apenas como mediador da informação, mas também como agente de educação climática

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação e educação na emergência climática”, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Cilene Victor, membro do grupo de pesquisa HumanizaCom. Bolsista CAPES. e-mail: lovizonkamila@gmail.com

e de mobilização social, ampliando a compreensão dos riscos e promovendo o engajamento coletivo na busca por soluções sustentáveis.

No contexto brasileiro, destaca-se a atuação das Forças Armadas em operações conjuntas voltadas ao enfrentamento de desastres. Sob a coordenação do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA), essas operações integram as três forças militares em missões de caráter humanitário e de apoio logístico emergencial, distintas daquelas voltadas à defesa territorial ou a cenários de conflito. Cabe ao EMCFA otimizar os recursos militares para ações como proteção de fronteiras, missões de paz, salvamentos e respostas a catástrofes. Cada um dos comandos militares possui competências específicas, com unidades especializadas, como o Esquadrão Pelicano, voltado para busca e salvamento.

É nesse ambiente que se insere o jornalista integrado às tropas - figura cada vez mais presente nas chamadas “operações de paz e ajuda humanitária” - cuja atuação exige novos olhares sobre a prática jornalística e seus limites éticos, técnicos e políticos. Assim, este estudo tem como objetivo investigar o papel do jornalista incorporado a essas missões em contextos de crises humanitárias provocadas por desastres climáticos, analisando as possibilidades de uma cobertura mais transparente, educativa e comprometida com a justiça climática.

A pesquisa se apoia nos campos teóricos do jornalismo humanitário e da comunicação de riscos, e utiliza metodologia qualitativa baseada em revisão bibliográfica, análise crítica do discurso e entrevistas com militares da comunicação e comandantes envolvidos nesse tipo de operação. Quatro questões principais orientam a investigação: (1) Quais são os desafios enfrentados pelos jornalistas na cobertura de eventos climáticos extremos? (2) Como as narrativas jornalísticas podem contribuir para a percepção pública sobre mudanças climáticas e justiça ambiental? (3) De que maneira o jornalista integrado às tropas contribui para a conscientização da população sobre a atuação militar em contextos de desastre? (4) Que caminhos podem ser propostos para fortalecer uma cobertura jornalística ética e socialmente comprometida nesse contexto?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo o Exército Brasileiro, no *Manual de Campanha de Operações de Ajuda Humanitária* (Brasil,2023), desastres e catástrofes integram o contexto das ações humanitárias. Desastres são eventos adversos — naturais ou provocados pelo homem — que impactam gravemente ecossistemas e sociedades, gerando perdas humanas, materiais e econômicas. Já as catástrofes são desastres de grande proporção, com elevados danos e número significativo de vítimas. Os desastres antrópicos decorrem de ações ou omissões humanas, enquanto os naturais resultam de fenômenos físicos intensos que atingem regiões habitadas.

O envolvimento das Forças Armadas em operações humanitárias tem gerado debates sobre os limites entre ajuda e militarização. Um estudo da *American Security Project* (2012) destaca a polarização em torno do tema. De um lado, argumenta-se que o suporte militar é essencial em regiões instáveis, sem infraestrutura ou segurança, onde o planejamento e a alocação de recursos são fundamentais para o sucesso das missões. Por outro lado, aponta-se que a administração militar da ajuda pode comprometer a neutralidade e eficácia das ações humanitárias, dificultando a criação de vínculos com as comunidades e afetando a percepção pública das intenções envolvidas.

Nesse contexto, destaca-se a importância da comunicação militar, como analisa Nasser em *O Silêncio das Missões de Paz* (2012), ao evidenciar aspectos pouco abordados sobre o papel das Forças Armadas em contextos de reconstrução e ajuda. A comunicação, além de estratégica, torna-se elo entre as instituições militares e a sociedade civil, sendo o jornalista civil uma figura-chave nesse processo, especialmente em coberturas de missões humanitárias e operações de paz.

Entretanto, nota-se uma lacuna relevante: há escassa produção acadêmica sobre a atuação de jornalistas civis integrados às tropas em coberturas de campo. Enquanto há vasta documentação institucional e jornalística sobre as ações militares, pouco se encontra sobre o trabalho jornalístico desenvolvido em imersão. É preciso diferenciar a comunicação institucional (voltada à imagem das Forças), da cobertura jornalística independente, que busca compreender, narrar e problematizar as ações militares em campo. Cobrir uma missão não se resume à produção de boletins ou imagens institucionais, mas exige acompanhamento, escuta, análise e compromisso com a verdade dos fatos.

No campo do jornalismo humanitário, Scott, Wright e Bunce (2023) conceituam essa prática como uma interseção entre o jornalismo e o humanitarismo, voltada à escuta do sofrimento e à promoção de respostas éticas em contextos de crise. Com base em pesquisa empírica com mais de 150 jornalistas, os autores identificam uma atuação que rompe com normas tradicionais ao priorizar crises negligenciadas, amplificar vozes marginalizadas e contextualizar tragédias além da espetacularização.

Victor (2021) ressalta que mais importante do que cobrir guerras ou desastres é refletir sobre o modo como se dá essa cobertura. O foco metodológico e ético deve estar no “como” — isto é, na construção de sentidos que respeitem a dignidade das vítimas e ampliem seus direitos. A autora defende um jornalismo que contribua não apenas para a resposta, mas também para a prevenção e a resiliência comunitária.

Complementando essa abordagem, o *Manual para a Cobertura Jornalística dos Desastres Climáticos* (Amaral, Loose e Girardi, 2024) propõe diretrizes que reforçam o papel do jornalismo na comunicação de riscos, na escuta ativa das comunidades e na construção de narrativas que evitem estigmatização e revitimização. Assim, o jornalismo torna-se ferramenta essencial para a redução de danos e a garantia do direito à informação em contextos de emergência climática.

METODOLOGIA

Adota-se uma abordagem qualitativa, estruturada em três eixos complementares: (1) revisão bibliográfica sobre jornalismo humanitário e comunicação de risco em contextos de desastres; (2) entrevistas semiestruturadas com jornalistas militares e civis atuantes na comunicação das três Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), bem como com comandantes responsáveis pelas operações e pela gestão comunicacional; e (3) observação participante da pesquisadora enquanto jornalista integrada a uma missão humanitária das Forças Armadas, cujos período e local serão definidos no decorrer da pesquisa.

Essa triangulação metodológica visa oferecer uma análise aprofundada das práticas, desafios e lacunas na cobertura jornalística de missões militares em cenários de emergência climática. A proposta é compreender o papel do jornalista embedded como agente de mediação entre as Forças Armadas, a população civil e a sociedade, promovendo uma comunicação mais transparente e socialmente comprometida.

RESULTADOS PARCIAIS E CONTRIBUIÇÕES

A análise preliminar aponta que a cobertura jornalística das operações militares brasileiras em contextos de desastres ainda é escassa e, quando existente, tende a reproduzir abordagens genéricas ou pautadas por fontes institucionais. A presença do jornalista civil integrado às tropas — o chamado *embedded journalist* — é rara e pouco estudada, o que contribui para uma lacuna significativa na compreensão pública sobre o papel das Forças Armadas em missões de caráter humanitário, especialmente em situações de emergência climática.

A investigação revela que há um descompasso entre o potencial da comunicação em missões humanitárias e o uso efetivo do jornalismo como instrumento de mediação entre Estado, sociedade e territórios atingidos. Em muitas coberturas, há uma tendência ao imediatismo e à espetacularização, o que dificulta a compreensão aprofundada das dinâmicas locais, das estratégias adotadas nas missões e das implicações sociais e ambientais dos eventos cobertos.

Neste cenário, a figura do jornalista incorporado à missão militar se mostra estratégica, pois permite a produção de narrativas mais próximas do cotidiano da operação, da lógica militar e, sobretudo, da realidade vivida pelas populações afetadas. Ao acompanhar de perto as ações e interações em campo, esse profissional pode ampliar o escopo da cobertura jornalística, indo além da dimensão factual para oferecer análise crítica, escuta ativa e contextualização das crises.

Com base nos relatos dos profissionais entrevistados e na revisão bibliográfica, identificou-se que a comunicação exercida no interior das Forças Armadas, embora tecnicamente estruturada, ainda carece de abertura à participação de jornalistas civis em situações de campo, especialmente quando a missão não envolve conflito armado, mas apoio humanitário. A presença de jornalistas externos às estruturas militares pode contribuir significativamente para a transparência das operações e para a criação de vínculos de confiança com a população local, rompendo barreiras históricas entre imprensa e instituições militares.

Uma das principais contribuições deste trabalho reside justamente na inclusão do relato de experiência da própria pesquisadora como jornalista integrada a uma missão humanitária das Forças Armadas, o que representa um avanço metodológico ao articular

a observação participante com os fundamentos do jornalismo humanitário. Ao longo da pesquisa, serão definidos o período e o local da missão acompanhada, de modo a permitir uma análise empírica sobre os potenciais comunicacionais dessas operações e suas interfaces com o direito à informação e a justiça climática.

Portanto, além de pioneira ao abordar a inserção do jornalista embedded em missões militares no Brasil, esta pesquisa busca oferecer subsídios para a formulação de protocolos, práticas e diretrizes voltadas à qualificação da cobertura jornalística em contextos de desastres e emergências climáticas, respeitando os princípios éticos do jornalismo e os direitos das populações impactadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling (org.). **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024.

AMERICAN SECURITY PROJECT. *The militarization of aid and its implications*. Washington, D.C.: American Security Project, 2012.

BRASIL. Exército. Manual de Campanha: **Operações de Ajuda Humanitária** (M C 10-22). Brasília: Estado-Maior do Exército, 2023.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismos e crise climática: um estudo desde o Sul Global sobre os vínculos do jornalismo com a colonialidade**. Florianópolis: Editora Insular, 2024.

Manual de Campanha - **As comunicações nas operações 1ª edição/2020**
https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/7073/1/EB70-MC-10.246_PDF.pdf

NASSER, Reginaldo Mattar. **O silêncio das missões de paz: Brasil e Haiti**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SCOTT, Martin; WRIGHT, Kate; BUNCE, Mel. **Humanitarian journalists: covering crises from a boundary zone**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

VICTOR, Cilene. **Jornalistas e a lesão moral na pandemia: comunicação de riscos antes do jornalismo humanitário e de paz**. In: VICTOR, Cilene; SOUSA, Cidoval Morais (org.). *Pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação*. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 319–326.